

# Está tendo Copa do Mundo!

235 - junho de 2014

## Temática

### O futebol-arte na era de sua reprodutibilidade técnica

**Roberto Henrique Amorim de Medeiros**

Com o instigante livro intitulado *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*, Wisnik (2008) inscreve-se entre os grandes intérpretes da cultura brasileira, ao mesmo tempo em que revela o potencial da análise levada a cabo a partir do jogo de futebol em si para lançar novas questões acerca de nossas formações e identidades. Neste ensaio, escrito sob o mesmo espírito e método, pretendo compartilhar uma preocupação acerca do estatuto da clínica no atual discurso científico do campo da saúde ao pontuar causas da aparente confusão entre a técnica e a tecnologia em nosso tempo e refletir acerca dos efeitos da reprodução curricular no âmbito da formação. Realizarei a tarefa a exemplo do recurso estilístico de Wisnik, analisando o que considero o processo do desaparecimento do *camisa 10* no futebol.

Maradona, Zico, Platini e todos os 5 meias e atacantes titulares da seleção brasileira da Copa de 70, especialmente o rei Pelé, já seriam exemplos suficientes do que me refiro como o *camisa 10*. Até a quem não se interessa pelo esporte mais popular do planeta, a lista acima serve suficientemente à definição do conceito com que pretendo operar. O *camisa 10* é, ou era, portanto, o jogador da criação, da invenção, aquele que por meio do passe genial dá continuidade ao jogo, pensando-o sem pensar, interpretando-o com um ato que implica o outro da equipe em seu desejo pelo gol.

As torcidas que lotavam estádios até a década de 90 do último século não o faziam somente para ver seu time vencedor, mas certamente para gozar de um pouco de sideração [1] (DIDIER-WEILL, 1997) ao poder fruir do belo e do inesperado, presentes no desempenho plástico e desconcertante de um verdadeiro *camisa 10*. Era a alma do time e do espetáculo. Perguntaria o leitor: tratando-se de elemento tão essencial, como pode estar sofrendo processo de extinção? Estará o autor propondo uma fábula, um conto fantástico, ao invés de um ensaio? Afinal, como o mundo do futebol - cada vez mais complexo por conta da evolução tática e física, dos recursos tecnológicos que aprimoraram sua prática e da inimaginável quantidade de dinheiro que movimenta como negócio e como entretenimento - poderia resistir à ausência de seu suposto ator principal?

Para responder a pergunta parece suficiente recorrer a um fato que rompeu determinada continuidade histórica no futebol brasileiro, berço de craques da *camisa 10*. O acirramento de interesses econômicos, promovidos pela transformação do futebol em um produto extremamente rentável, fez com que aqueles que se organizaram como os grandes exploradores do mercado de jogadores - os empresários - passassem a assumir todo o controle da circulação de jovens promissores pelos clubes. Para tanto, vinculam-se às categorias de base de alguns clubes de tradição no futebol para que estas sirvam de exposição para seus produtos ou, até mesmo, chegam a criar seus próprios clubes ditos *formadores* onde se ensinam o jogo e a tática, se cuida da evolução física do futuro atleta, mas, também, onde se pode formar jogadores com funções pré-definidas e controlar melhor o estoque com vistas a monopolizar o mercado.

Mas, o *camisa 10* não surgia nos clubes. Surgia na rua, na várzea, com o pé no chão e na bola de meia. Surgia, naturalmente, na liberdade dos campos, das praças, das calçadas, e na pouca normatividade que, parece, permitia espaço à invenção no jogar. O acirramento da competição, que transcendeu os limites do campo de futebol - mas também o esvaziamento do espaço público como local de convivência social - rompe com o processo histórico da formação do jogador inventivo, habilidoso, criador do inesperado e da novidade no jogo. Em nome da complexidade atingida pelo *negócio* futebol, o controle e o método *quasi* científico de produção. Em nome da *seriedade*, a (re)produção *em série*.

A história das Copas do Mundo demonstra a superioridade, ora do chamado futebol força, ora do futebol hábil. Em 1982, a maestria e a beleza com que jogou a seleção canarinho fez cunhar, em definitivo, a expressão *futebol-arte* para designar o tipo brasileiro. Sua derrota, entretanto, colocou em cheque suas eficiência e objetividade, apesar do reconhecimento acerca do alto nível dos jogadores e de seu desempenho na competição. A partir dali a habilidade individual e o jogo ofensivo latino-americano seriam preteridos em nome da disciplina tática e da cautela defensiva europeia. Idiotia da objetividade, diria um Nelson Rodrigues?

Wisnik (2008) faz uma certa afirmação sobre o modo distinto de jogar futebol nos continentes mais importantes ao esporte: enquanto os europeus são os donos do campo, os latino-americanos são os donos da bola. E dá mais um passo, apoiando-se numa observação de Chico Buarque quando presenciara uma partida entre meninos pobres e meninos ricos: enquanto os ricos controlavam a bola por meio da ocupação organizada do território, os pobres faziam o mesmo valendo-se de seu relacionamento íntimo com o objeto. Os primeiros, íntimos do campo, desfazem-se da bola; os segundos, íntimos da bola, carregam-na habilmente por toda a parte. Uns equilibrados, outros, equilibristas.

Notadamente, a partir dos anos 90, o discurso técnico no mundo do futebol privilegiará alguns elementos fundamentais na dinâmica do jogo: a ocupação de todos os espaços do campo, a posse de bola e a função tática de cada atleta na equipe. Tempos de derrocada da liberdade para a criação, do drible e da jogada de efeito sem a suposta objetividade por parte do craque. Esse fenômeno influenciará todas as instâncias envolvidas com o futebol. As torcidas serão treinadas a ver o jogo de outra forma e se tornarão intolerantes a uma jogada de efeito sem resultado imediato [2] de movimento em direção ao gol, especialmente na medida em que ela represente risco da perda da bola. O assunto mais frequente nas mesas de debates esportivos será a discussão do desenho tático da partida em vez da jogada bonita e do gol. Nas transmissões televisivas dos jogos, o enquadre que fechava em uma pequena parte do campo, mostrando a dinâmica do movimento do jogador e a habilidade com a bola, dará lugar a enquadres mais distantes que permitem ao telespectador observar a disposição do time em campo e a sua movimentação coordenada.

A súbita valorização do papel do técnico - geradora dos primórdios do debate eterno sobre a pergunta "o técnico ganha jogo?" - é índice da ascensão da racionalidade no campo do futebol [3]. Fato predisponente de que a formação do jogador - e do próprio técnico - tenha lugar nas escolinhas e nos cursos teóricos em vez dos campos improvisados de pelada nos espaços públicos. Clubes de todo o canto do mundo recebem crianças em suas mais tenras categorias de base para treinar à semelhança do time adulto principal, cada qual com suas funções táticas e posicionamentos pré-determinados, que variam apenas nas situações de defesa ou de ataque no contexto do jogo. Desde cedo é ensinado aos meninos uma espécie de estereotípi de movimentos coletivos coordenados na qual é mais importante o cumprimento da função tática e do adestramento corporal do que fruir da experiência prazerosa, a qualquer criança, de jogar [4] com a bola.

Como resultado dessas mudanças, o futebol tornou-se mais veloz, as equipes semelhantes em seu modo de atacar e defender e, com isso, o jogo tem proporcionado pouca variedade de lances e situações inusitadas durante as partidas. A experiência de assistir ao futebol real pela televisão tornou-se muito próxima da que se pode obter a partir de um software de futebol virtual [5]. Um impressionante fenômeno de inversão, comum no nosso tempo, em que a realidade parece se empenhar em aproximar-se da virtualidade.

A mudança da forma de pensar o jogo/negócio do futebol trouxe também, como se afirma, o processo de desaparecimento do camisa 10 nas equipes. Observe-se o suficiente exemplo de nossa seleção. Da abundância de craques da camisa 10 - um pleonasma - no time campeão de 70, passamos a apenas um na seleção vitoriosa de 94 [6] e a nenhum na seleção que recentemente nos representou na Copa de 2014, no Brasil. Não obstante, como o desaparecimento se refere ao camisa 10 e não à camisa 10, foi o jogador Neymar quem a vestiu. Um atacante, não um meio-campista, mas, significativamente, o único jogador considerado diferente em termos de habilidade com a bola, capaz do lance espetacular, da solução não programática. O único, portanto, merecedor da honra de vesti-la.

O fenômeno da escassez do camisa 10 é um fato futebolístico, mas o que isso serve de analisador acerca da visão de mundo em nosso tempo? Comentou-se, até aqui, o paradigma da formação em série - racional, funcional, com pouco espaço para a experimentação, para o erro, para a invenção, para o inusitado - cujo objetivo é gerar recurso humano para desempenhar a verdade contida na primazia do esquema tático. Qualquer semelhança com elementos que produziram a subjetividade moderna, a saber, a revolução industrial e o discurso técnico-científico não terá sido coincidência vulgar. O futebol abandona sua fase romântica e chega à modernidade no momento em que passa a incorporar elementos da divisão do trabalho e da racionalidade técnica na preparação e dinâmica do jogo [7].

O apreço à tecnologia na cultura contemporânea, subsidiário da organização industrial de um modelo de sociedade amparado no discurso cientificista produtor de verdade - mas também de objetos de consumo - promove efeitos de subjetivação cuja síntese pode ser encontrada no imaginário em torno da automatização da vida. A figura do autômato parece constituir-se numa potente produção metafórica que sintetiza o processo histórico que determina o corpo humano sob a ótica mecanicista, passa pelo estabelecimento do corpo social sob um paradigma industrial e chega, na era digital, ao refinamento tecnológico do software que anima a relação de ambos os corpos.

A denominação de autômato se dá aquilo que desempenha uma função programada e repetitiva, cuja realização, embora autônoma, não escapa ao que fora designado previamente. Aos autômatos atribuem-se as características de prontidão, eficiência e rapidez em servir às demandas humanas. São como que ajudantes incansáveis, solícitos, dóceis e produtivos. O relógio e o robô são exemplos limites [8].

É também de natureza autômata, portanto, a supervalorização do discurso da especialização técnica para o desempenho excelente de uma função. Embora a excelência técnica seja o principal atributo do grande jogador de futebol, condição *sine qua non* do camisa 10, ele não é um relógio e nem um robô, em absoluto. A região que se estende do meio-campo ao ataque, seu território, é lugar da criação, do ato inesperado produzido pelo saber insabido do seu corpo. Não é de sua estirpe a repetição baseada em evidências táticas, mas a interpretação instantânea do jogo cuja certeza antecipada é lida no *après coup* do passe perfeito que resulta na chance de gol.

A perfeição é das utopias humanas a mais fundamental. Talvez se justifique na medida em que sua busca pelo homem trata de materializar o mito de ter sido criado à imagem e semelhança de um ser, em si, perfeito. O conhecimento científico que substituiu o religioso na tarefa de explicar a vida e buscar perfeição é aquele que se sustenta do discurso da técnica. No entanto, parece possível aceitar sem maiores resistências, que o ideal automático presente em nossa cultura contemporânea tenha se estruturado especialmente quando se concebe a técnica indiferenciada da tecnologia avançada. A utilização de recurso tecnológico na maioria dos registros da vida humana é a decorrência mais radical da aparente necessidade de sustentação científica, portanto segura, de nossos atos e práticas cotidianas.

Canguilhem (2012), entretanto, já nos havia advertido sobre o fato da técnica ter se constituído historicamente como produção original do artesão, que cria suas condições de trabalho a partir das dificuldades que seus processos produtivo e vital lhe impõem. A produção original da ciência, por sua vez, é a tecnologia avançada, digital, eletrônica, de amplitude macro a nano, cuja possibilidade de utilização tem se estendido a todo registro do humano, seja biológico, psíquico ou social. Utilização, diga-se, que beira o supérfluo em muitas das situações.

No campo da Clínica, por exemplo, seja no contexto da pesquisa, da técnica, da formação, embora todos agindo no sentido da produção da saúde por meio da prevenção de doenças, promoção da qualidade de vida ou reabilitação para a retomada de práticas sociais interrompidas, poucos são os atos que não obtêm sua sustentação e validade a não ser por meio de um aparato tecnológico. No campo biomédico a evidência clínica é produzida pela pesquisa *in vitro* e a decisão terapêutica jamais prescinde do exame laboratorial ou de imagem, cada vez mais sofisticados. Aqui é a sofisticação tecnológica e a produção de conhecimento por meio de método científico epidemiológico o que sustenta o regime de verdade da Clínica. Importa menos a narrativa singular do sofrimento por parte do paciente do que aquilo que o número e a imagem indicam. De posse dos dados confiáveis produzidos pelos resultados tecnológicos do campo biomédico, o clínico consulta o compilado das evidências científicas para proceder a sua escolha terapêutica, frequentemente medicamentosa. O adágio segundo o qual a clínica é soberana no ato terapêutico perde sua validade a menos que desloquemos o significado de prática clínica da escuta e do exame para a manipulação adequada de técnicas diagnósticas de ênfase tecnológica.

Outro aspecto da clínica biomédica, que acaba por influenciar outros campos da clínica, são os protocolos que orientam desde a anamnese até à orientação terapêutica do caso. Baseados em evidências científicas, constituem-se num algoritmo que deve determinar de modo seguro e metódico o ato clínico de diagnosticar e propor condutas visando à reabilitação do enfermo. Em nome da objetividade, os protocolos são construídos por meio de uma lógica binária com orações afirmativas e condicionais, cujas respostas animam e produzem o raciocínio do clínico. Além da construção condicional binária que impede qualquer relativização, as orações protocolares não possuem inflexões e nem tempos verbais. São orações sem sujeito.

A produção de evidências para a clínica e os protocolos que orientam o raciocínio e a sua prática são dois produtos automatizados de nossa era. Ambos, ao procurar excluir o erro, acabam excluindo histórias, narrativas, subjetividades e, portanto, o próprio sujeito do sofrimento. Por sua vez, como tem se posicionado a clínica psicanalítica, na medida em que é construída sobre a narrativa e a subjetividade do sofrimento? Quais os limites que se colocam nesse contexto cultural para uma clínica que necessita incluir a história e a fantasia, a identificação e as resistências, cujos dados mais evidentes são uma espécie de erro?

A produção do sofrimento psíquico se constitui da precariedade de representação possível ao sujeito no discurso vigente. Discurso que parece impor a cada um o alto desempenho reiterativo de respostas corretas, automáticas e objetivas, sem passado ou fantasia. Características, afinal, que bem cairiam a um autômato. Ou não? De modo geral, os enfrentamentos mais comuns da clínica atual tem sido o protesto subjetivo da depressão, a busca fracassada de adequação a um ideal da bipolaridade e a recusa de viver do autismo. Talvez seja fundamental procurar diferenciar se o que se acolhe na clínica do sofrimento subjetivo seriam autômatos ou aqueles que não conseguem sê-lo.

Do ponto de vista da formação clínica para o exercício da escuta psicanalítica, parece sintomático a existência de programas curriculares seriados que conduzem o aprendiz até a obtenção do diploma. Processo que parece não implicar uma pergunta pelo desejo do analista e que o desobriga de sustentar por si mesmo sua enunciação como tal. Como supervisor de casos clínicos em uma clínica-escola tenho percebido, embora de modo não sistemático, a tendência do analista iniciante em perguntar-se antes pela técnica, pelo procedimento, do que pelo lugar enunciativo do sujeito do inconsciente. Imagina ele que haja um único e acertado modo de (re)agir conforme cada ato do paciente. Parece procurar, inadvertidamente, uma espécie de protocolo, evidência ou programa de escuta. Ao que se apresenta, talvez nem seja uma pergunta sobre a técnica, mas sobre a existência de uma tecnologia psicanalítica de decifração do inconsciente.

O fascínio pela técnica na clínica psicanalítica é tributário da promessa científica do erro zero. Como corolário da promessa, a fé no método que produz a resposta perfeita aos enigmas do viver. Contexto em que a invenção, tão essencial para o avanço do trabalho na clínica psicanalítica, não teria mais espaço por ser muito arriscada? O analista, por sua vez, não precisaria mais se valer de sua análise e da construção de um *saber fazer ali com* [9] para proceder a seu ato de escuta. Bastaria seguir os cânones da teoria, ou melhor, da leitura hegemônica dos produtores de evidência do campo da psicanálise.

De sua parte, para o trabalho de criação no campo do futebol, o camisa 10, sim, se vale de um potencial inventivo construído na liberdade e no desamparo, na precariedade material do campo e da bola, na necessidade de resolver em ato um problema para o qual a solução não é óbvia ou segura. Entretanto, quando estipulado um programa padronizado para a formação corporal do atleta e um programa funcionalista especializado para a formação técnica do jogador responsável pela criação, estabeleceu-se o início do fim do camisa 10 e o automatismo de repetição na dinâmica do jogo de futebol.

A obediência às funções programadas e repetitivas de cada elemento da equipe na dinâmica do jogo, mesmo quando ganha campeonatos, perde em beleza e potencial de excitação para o torcedor, cujo gozo fica limitado apenas à dimensão da competição, ou seja, o afeto depreendido da vivência do resultado da partida. O outro gozo, imponderável, múltiplo, irrepitível, proveniente da sideração que a surpresa de um lance espantoso pode lhe proporcionar, ou seja, o afeto depreendido da experiência lúdica com o jogo, cada vez mais lhe é negado.

Walter Benjamin (2000) apostara que o cinema teria a capacidade de promover a síntese entre o artístico e o científico presentes de modo irreconciliável, até então, na fotografia. Talvez seja uma tarefa semelhante a essa a que necessita ser realizada constantemente nos campos da clínica e do futebol, mas, igualmente, em tantos outros em que a utilização do avanço tecnológico, ao cumprir seus desígnios de autômato, tenha, inadvertidamente ou não, limitado o potencial de vida, como invenção e afetação, do humano.

### Referências Bibliográficas

BENJAMIN, W. *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*. In: ADORNO et al. Teoria da Cultura de massa. Trad. de Carlos Nelson Coutinho. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CANGUILHEM, G. *O conhecimento da vida*. São Paulo: Forense, 2012.

DIDIER-WEILL, A. *Os três tempos da lei: o mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Trad. Ana Maria de Alencar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

LACAN, J. O Seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976/Jacques Lacan; texto estabelecido por Jacques-Alain Miller; Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

WISNIK, J.M. *Veneno remédio: o futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

**Autor:** Roberto Henrique Amorim de Medeiros

Roberto Henrique Amorim de Medeiros é psicanalista e professor do curso de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

[1] Perplexidade como produto da perda de saber. Momento fugidivo de prazer nem sempre acessível na vida cotidiana. Também pode ser lida como *desideração*, remetendo ao desejo inconsciente.

[2] Para um exemplo da atitude receptiva da torcida até os anos 80 com respeito ao drible improdutivo, ver os primeiros movimentos da partida Brasil e Alemanha, de 1981, no Maracanã: <https://www.youtube.com/watch?v=xheBgvYFAPM>. Cabe lembrar que Garrincha levava multidões ao mesmo local até o início dos anos 70 mais por conta de seus dribles do que de seus gols.

[3] Digno de nota é que os feitos mais emblemáticos do futebol brasileiro foram realizados a despeito do papel do técnico. Reza a lenda que o técnico Zagalo apenas entregava as camisas aos titulares na mítica Copa de 70, aquela dos cinco camisas 10 na mesma equipe.

[4] Brincar.

[5] FIFA Soccer e Pro Evolution Soccer são os mais populares e relançados mundialmente a cada ano com alguma novidade na dinâmica do jogo.

[6] Trata-se do jogador Raí, que perdeu a titularidade (sua função?) já no segundo jogo daquela campanha.

[7] Na sequência, entrará também no discurso contemporâneo do capitalismo financista quando seus jogadores passam a ser comercializados, gerando grande circulação de moeda, altos salários e lucros estratosféricos aos seus empresários, além da dupla exploração dos eventos, por meio do ingresso nos estádios e, ao mesmo tempo, pela disponibilização em canais fechados de televisão sob pagamento prévio do espectador.

[8] Não parece mais ser à toa que o modo de jogar da equipe do Barcelona FC, a partir de 2010, que entusiasmou a todos apreciadores e comentaristas do esporte como a salvação para o futebol bem jogado, fora apelidada de *tic-tac*: uma alusão à exaustiva e precisa troca de passes entre seus jogadores a caminho do gol. No entanto, em pouco tempo o futebol do Barcelona FC se revelaria enfadonho e a “mecânica” do jogo de posse de bola que hipnotiza o adversário e faz dormir o torcedor, acabou por revelar a natureza de donos do campo com aparência de donos da bola daquela equipe.

[9] Tradução brasileira do conceito de *sinthome*, de Lacan (2007).

